



Religião e catolicismo em Belo Horizonte: dados de pesquisa e leitura teológico-pastoral

Religion and Catholicism in Belo Horizonte: survey data and theological-pastoral reading

Roberlei Panasiewicz*

Resumo

A dinamicidade do mundo atual chama a atenção. A rotatividade confronta-se com o permanente. Pensar ações pastorais no mundo atual supõe clara compreensão da realidade. Nesse sentido, a Arquidiocese de Belo Horizonte encomendou uma pesquisa realizada em 2012, intitulada “Valores e religião na Região Metropolitana de Belo Horizonte”. A pesquisa segue a mesma intuição de levantamentos feitos em preparação a assembleias arquidiocesanas anteriores. Esta reflexão visa apresentar os dados da pesquisa e pensar os desafios no âmbito teológico-pastoral a partir da identidade eclesial da Arquidiocese de Belo Horizonte. A pesquisa atesta a presença do pluralismo e da mobilidade religiosa e critica a falta de diálogo inter-religioso. Valoriza a moral social e questiona a moral sexual da Igreja Católica. Apresenta satisfação diante das celebrações e sugere maior formação das lideranças religiosas. Nesta reflexão são apresentados dados da pesquisa e desafios teológico-pastorais a partir do compromisso ético. Por fim, sugere-se o aprofundamento em uma igreja toda ministerial.

Palavras-chave: Religião; Igreja Católica; Identidade; Teologia; Pastoral.

Abstract

The dynamics of today's world draws our attention. Turnover is faced with perennial. Thinking of pastoral actions in today's world supposes a clear understanding of reality. Thus, the Archdiocese of Belo Horizonte, Brazil, commissioned a survey conducted in 2012, named “Values and religion in the Metropolitan Region of Belo Horizonte”. The research follows the same intuition of surveys carried out during the preparation of previous Archdiocesan assemblies. This reflection aims to present data from the survey and think of the challenges in the theological-pastoral domain by means of the ecclesial identity of the Archdiocese of Belo Horizonte. The survey attests the presence of pluralism and religious mobility and criticizes the lack of inter-religious dialogue. It appreciates social morality and puts into question the sexual morality of the Catholic Church. It shows satisfaction in face of celebrations and suggests more training from religious leaders. In this reflection, survey data and theological-pastoral challenges are presented through ethical commitment. Finally, we suggest deepening into a completely ministerial church.

Keywords: Religion; Catholic Church; Identity; Theology; Pastoral.

Artigo recebido em 14 de novembro de 2012 e aprovado em 10 de dezembro de 2012.

* Doutorado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. País de origem: Brasil. E-mail: roberlei@pucminas.br

Introdução

O mundo atual é muito dinâmico. As alterações no campo político, cultural, econômico e religioso ocorrem de forma rápida. Os dados do Censo de 2010 explicitam essa realidade. No segmento religioso, os evangélicos foram os que mais cresceram. Em 1980, representavam 6,6% da população, em 1991 passaram para 9,0%, em 2000 eram 15,4% e em 2010 chegaram a 22,2%. Percebe-se que a religião católica segue majoritária, mas mantendo o declive observado nas décadas anteriores. Em 2000, representavam 73,6% e em 2010 eram 64,6%. De 1872 até 1970, o percentual de católicos variou 7,9%, reduzindo de 99,7% para 91,8%. Os espíritas passaram de 1,3% em 2000 para 2,0% em 2010. Os sem religião eram 7,3% em 2000 e foram para 8,0% em 2010 (IBGE, 2010).

Para a liderança religiosa, hierárquica ou leiga, ter bom diagnóstico dos dados da realidade é de fundamental importância para pensar e traçar suas ações pastorais. A Arquidiocese de Belo Horizonte, ciente das alterações e da importância da lucidez dos dados da realidade para planejar a IV Assembleia Arquidiocesana, que ocorrerá em outubro de 2012, encomendou uma pesquisa do Instituto Vertex. Ela teve por título “Valores e religião na Região Metropolitana de Belo Horizonte” e foi coordenada pelo Prof. Dr. Malco Camargos. A pesquisa aconteceu em duas etapas. A primeira, realizada em abril de 2012, levantou dados de natureza quantitativa; e a segunda, realizada em agosto e setembro de 2012, levantou dados de natureza qualitativa. Esta reflexão levou em consideração somente os dados da pesquisa quantitativa, por estarem tabulados.

A pesquisa realizada na Arquidiocese de Belo Horizonte responde à mesma intuição de assembleias anteriores, sobretudo a primeira Assembleia Arquidiocesana intitulada “Assembleia do Povo de Deus”, ocorrida em 1996. “Nascia uma nova forma eclesial de expressão, bem no espírito do Concílio Vaticano II” (LIBANIO, 2011). A participação interativa é, cada vez mais, uma exigência da sociedade contemporânea.

O objetivo desta reflexão é pensar a identidade eclesial da Arquidiocese de Belo Horizonte a partir da pesquisa “Valores e religião na Região Metropolitana de Belo Horizonte” (2012). Está dividida em quatro momentos. Primeiramente, apresentamos alguns dados da pesquisa, tais como universo de pesquisa, religião da infância e religião atual, imagem da Igreja Católica, moral social e sexual, relação da Igreja Católica com as outras religiões e a satisfação dos seus fiéis¹. Depois, são propostos alguns desafios teológico-pastorais em geral. Aprofundando, discute-se a identidade da Igreja Católica na Arquidiocese de Belo Horizonte. Por fim, sugere-se a retomada da Igreja entendida como ministerial, a qual certamente terá, dessa forma, força de comunhão, participação e ação missionária.

1 Dados da pesquisa

Participaram da pesquisa quantitativa 28 cidades da região metropolitana de Belo Horizonte e foram entrevistadas 2.826 pessoas. O universo pesquisado foi classificado em: zona rural e urbana, gênero, faixa etária, escolaridade, renda, cor e estado civil. A margem de erro e intervalo de confiança é de 1,8% e 95%, respectivamente. A Tabela 1 apresenta o universo pesquisado.

¹ No início de 2013 será lançado o primeiro volume da coleção sobre a história da Arquidiocese de Belo Horizonte, coordenada pelo Prof. Dr. Caio César Boschi, cujo título é *A Arquidiocese de Belo Horizonte e a contemporaneidade*. Nesse volume, há dois capítulos, intitulados “A globalização, o relativismo ético e a secularização” e “O que dizem que sou? Senso religioso e suas concretizações na Arquidiocese de Belo Horizonte”, que apresentam mais dados e análises dessa pesquisa.

Tabela 1: Universo da pesquisa

Cidades	28	
Pessoas	2.826	
Zona Residencial	Rural: 9%	
	Urbana: 91%	
Sexo	Masculino: 48%	
	Feminino: 52%	
Faixa etária	16 a 17 anos: 1%	35 a 44 anos: 21%
	18 a 24 anos: 14%	45 a 59 anos: 25%
	25 a 34 anos: 24%	≥ 60 anos: 16%
Escolaridade	Analfabeto até primário incompleto/completo: 26%	Ensino Superior incompleto/completo: 10%
	Ginásio incompleto/completo: 25%	Pós-graduação incompleta/completa: 2%
	2º grau incompleto/completo: 37%	
Renda	Até 1 salário-mínimo: 16%	De 5 a 10 salários-mínimos: 8%
	De 1 a 2 salários-mínimos: 41%	De 10 a 20 salários-mínimos: 2%
	De 2 a 5 salários-mínimos: 30%	> 20 salários-mínimos: 1%
	NS/NR: 1%	
Cor/raça	Parda: 54%	Amarela: 2%
	Branca: 28%	Indígena: 0%
	Preta: 15%	NR: 1%
Estado civil	Casado(a): 45%	Separado(a)/divorciado(a): 6%
	Solteiro(a): 36%	Viúvo(a): 5%
	Amasiado(a): 7%	

Fonte: Camargos (2012, p. 4).

A pesquisa levou em consideração duas situações: a religião da família na infância e a religião do entrevistado na atualidade. Constata-se uma pluralidade religiosa nos dois momentos. Há presença real de várias denominações religiosas convivendo juntas na Arquidiocese de Belo Horizonte. O pluralismo não é mero discurso, mas realidade. Nesse convívio plural, a religião católica tem presença acentuada na religião da infância e menos acentuada no momento atual. Percebemos a presença de forte mobilidade religiosa, crescimento de todas as religiões e decréscimo da religião católica, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Religião da infância e religião atual

	Religião na infância		Religião atual	Crescimento
Católica	84%		60%	- 24% (Perda)
Pentecostal	5%		9%	+ 90%
Neopentecostal	4%		13%	+ 210%
Protestante histórico	3%		6%	+ 100%
Movimentos religiosos não cristãos	1%		2%	+ 100%
Espírita	1%		3%	+ 200%
Sem religião	1%		6%	+ 500%
Religiões afro-brasileiras	0%		1%	

Fonte: Camargos (2012, p. 10).

Nessa pluralidade de religiões, o catolicismo continua hegemônico (60%). No entanto, ele é o único que não cresce, mas perde fiéis. Os dados estão em sintonia com o Censo de 2010, que atestam 59,9% da população belorizontina como católica. O censo registra 25,1% de evangélicos. Como não apresenta distinção entre as denominações protestantes, a comparação com a pesquisa fica limitada. O censo registra 4,1% de espíritas e a pesquisa, 3%. O censo indica 8% sem religião e essa pesquisa, 6%. O censo aponta 2,9% para demais religiões e a pesquisa, somando o índice dos movimentos religiosos não cristãos e afro-brasileiros, totaliza 3%.

A pesquisa revela que, no período pesquisado (entre a infância e a atualidade), a mobilidade religiosa é constante e em todas as direções. O trânsito do catolicismo para o neopentecostalismo foi de 10% e do neopentecostalismo para o catolicismo foi de 3%; do catolicismo para o pentecostalismo foi de 6% e do pentecostalismo para o catolicismo foi de 7%; do catolicismo para o protestantismo histórico foi de 4% e do protestantismo histórico para o catolicismo foi de 1%. O grupo “sem religião” foi o que mais cresceu. Esse grupo se caracteriza por ter pessoas sem vínculos com uma instituição religiosa, embora as pessoas desenvolvam uma espiritualidade própria. Isso não implica em ateísmo. Saem do catolicismo em direção ao grupo dos “sem religião” cerca de 3% destes; o pentecostalismo os alimenta em 16%; o protestantismo histórico em 15%; e o neopentecostalismo em 13%. A denominação protestante é aquela que mais o alimenta².

Quais seriam as causas que levam as pessoas a mudar de religião? A pesquisa apontou várias delas. Destacamos 7 que mais se repetiram: “se sente melhor/tem paz de espírito” (13%); “prega mais a palavra/conhecimento melhor” (12%); “não sabe porque/sem motivo” (12%); “conheceu a verdade” (10%); “influência de parentes/amigos” (9%); “começou a ir e gostou” (5%); “conseguiu a cura na igreja/livrou-se de vícios” (5%). Esses motivos sinalizam características da sociedade atual, onde imperam a crise de sentido e a insatisfação. O vazio existencial e a

² Há grande pesquisa e literatura sobre o trânsito religioso brasileiro na atualidade. Citamos a obra organizada por Teixeira e Meneses (2006): *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*.

fragmentação levam a buscas variadas e as religiões acabam tornando-se relação de “autoajuda”. Não há indícios de novos vínculos ou de compromissos com a nova opção religiosa.

Sobre a *imagem* da Igreja Católica, a pesquisa constatou que, enquanto instituição religiosa, possui, em geral, boa estima. As pessoas avaliaram positivamente aspectos gerais da instituição, como, por exemplo, seu valor ético, sua confiabilidade e seu compromisso com os empobrecidos. Entretanto, tal avaliação não se sustenta, na mesma proporção, em relação a estar presente e comprometida com a luta dos mais pobres. A Tabela 3 apresenta a síntese dos dados obtidos dos entrevistados ao ser questionados sobre determinados aspectos da instituição. Como critério de análise, consideramos positivos os resultados > 60%.

Tabela 3: Imagem da Igreja Católica

	Concordo	Discordo
É uma instituição ética	72%	14%
É uma instituição confiável	69%	17%
É comprometida com os enfermos e presente nos hospitais	63%	20%
É presente e atuante nas vilas e favelas	59%	22%
Está mais próxima dos pobres do que dos ricos	51%	24%
É presente e atuante nos presídios	42%	26%

Fonte: Camargos (2012, p. 39).

A pesquisa procurou saber qual é a percepção das pessoas em relação à *moral social* da Igreja Católica na Arquidiocese de Belo Horizonte. As respostas sinalizam que é mais positiva do que negativa. Há três tópicos que se destacam por sua positividade: sua força de mobilização social, seu compromisso com a paz e com a justiça social e sua presença positiva nos meios de comunicação social. Os três tópicos em que a negatividade se sobressai são: não divulga suas ações, trabalha pouco contra a corrupção e está pouco comprometida com a defesa dos indígenas e do meio ambiente. A Tabela 4 mostra se as pessoas concordam ou não que a Igreja Católica adota tal prática.

Tabela 4: Igreja Católica e a moral social

	Concordo que possui	Discordo que possui
Força de mobilização social	81%	7%
Compromisso com a paz e com a justiça social	79%	7%
Presença positiva nos meios de comunicação social	77%	9%
Evangeliza por meio dos meios de comunicação social	71%	15%
Comprometida com a defesa da mulher	70%	11%
Consegue reunir e evangelizar a juventude	69%	17%
Envolvida com questões atuais	69%	9%
Contribui para diminuir problemas de drogas e vícios	67%	17%
Comprometida com defesa da dignidade dos negros	65%	13%
Comprometida com a ecologia e meio ambiente	60%	15%
Comprometida com a defesa da dignidade dos indígenas	60%	12%
Trabalha contra a corrupção	50%	22%
Divulga bem o que faz	50%	28%

Fonte: Camargos (2012, p. 54).

Para compreender a concepção das pessoas sobre a *moral sexual* da Igreja Católica, a pesquisa trabalhou com 4 tópicos: a questão da segunda união; o controle de natalidade e a proibição do uso de métodos contraceptivos; a coibição do uso de preservativo; o impacto sobre a imagem da Igreja dos casos de pedofilia veiculados na mídia. A Tabela 5 apresenta, em porcentagem, as respostas dos entrevistados.

Tabela 5: Igreja Católica e a moral sexual

	Concordo	Discordo
Os casos de pedofilia veiculados na mídia afetaram a imagem da igreja	78%	13%
A igreja está certa ao criticar a segunda união das pessoas	34%	52%
A igreja está certa ao criticar o controle de natalidade e proibir uso de métodos contraceptivos	20%	68%
A igreja está certa ao coibir o uso de preservativo	15%	77%

Fonte: Camargos (2012, p. 48).

Diferentemente da moral social, a moral sexual teve sinalização negativa por parte dos entrevistados. Os casos de pedofilia no interior da Igreja Católica, veiculados pela mídia, chamam a atenção, pois afetaram sua imagem (78%). Como também impressiona a porcentagem das pessoas que criticam a postura da igreja em coibir o uso de preservativos: 77% dos entrevistados. Mais da metade dos entrevistados criticou a maneira como a igreja lida com a segunda união das pessoas e com o controle de natalidade. Pelos dados, há clara sinalização de que a Igreja Católica deve ampliar o debate com a sociedade a respeito de sua moral sexual.

A pesquisa demonstra que as lideranças da Igreja Católica se relacionam bem com as *outras religiões*. Dos entrevistados, 79% consideram que elas respeitam o diferente. Entretanto, a avaliação é mais negativa no que se refere a iniciativas práticas para construir diálogos entre as religiões, pois somente 53% consideram que a Igreja toma tais iniciativas. A pesquisa possibilitou que a Igreja Católica tivesse acesso ao olhar de si e ao olhar das outras religiões sobre ela a partir do foco do “respeito” e do “diálogo”. A Tabela 6 apresenta os dados em escala de 0 a 10.

Tabela 6: Igreja Católica e as outras religiões

	Respeita as religiões	Dialoga com as religiões
Católicos	8,7	7,0
Protestantes históricos	7,5	4,6
Pentecostais	7,0	4,8
Neopentecostais	7,1	4,9
Movimento religioso não cristão	5,1	4,5
Espíritas	6,6	5,4
Sem religião	6,9	5,7
Agnósticos	6,5	4,5

Fonte: Camargos (2012, p. 59).

Visivelmente, a avaliação negativa está concentrada no aspecto prático do diálogo e não no aspecto do respeito. Os católicos foram os que melhor avaliaram a prática da Igreja: os dois tópicos pesquisados perfazem, em média, 7,8 pontos. Dos demais grupos pesquisados, o dos “sem religião” foi o que considerou mais positivamente a prática da Igreja, obtendo média de 6,3 pontos. As religiões denominadas “protestantes históricos”, “neopentecostais” e “espíritas” alcançaram média igual a 6,0 pontos. Os “pentecostais” vêm logo em seguida, com média de 5,9 pontos. O grupo dos “agnósticos” teve média de 5,5 pontos. O grupo mais crítico foi o

denominado “movimento religioso não cristão”, com média de 4,8 pontos. A visão das religiões e dos grupos pesquisados a respeito da atitude da Igreja Católica em relação ao respeito e à prática de diálogo é, em geral, negativa, pois a média não vai além dos 5,7 pontos. Os números sugerem: mais que respeitar a religião diferente, o desafio é desenvolver práticas de diálogo entre religiões.

A avaliação da relação entre o *clero* e os *leigos* nas comunidades, de maneira geral, pode ser demarcada como positiva. Os padres tanto ajudam como atendem bem quem os procura (74%). A crítica encontra-se na transparência dos recursos financeiros, pois somente 40% concordam que há transparência. Questionados sobre a necessidade do celibato para o exercício do ministério sacerdotal, pouco mais da metade dos entrevistados não concorda com tal obrigatoriedade (52%). A Tabela 7 apresenta os resultados.

Tabela 7: Lideranças católicas e leigos

	Concordo	Não concordo
As pregações dos padres ajudam as pessoas	76%	9%
Os padres atendem bem os que os procuram	72%	9%
Há transparência na administração dos recursos financeiros	40%	25%
O celibato é necessário para os padres	35%	52%

Fonte: Camargos (2012, p. 57).

A pesquisa revela bom grau de *satisfação das pessoas* em relação às celebrações (76%). Elas as consideram fáceis de ser compreendidas e vinculadas a temas do cotidiano (69%). A pesquisa constata um incentivo à formação teológica dos leigos (71%). A Tabela 8 visualiza as respostas. Os entrevistados deveriam responder se concordavam ou não com as afirmações propostas.

Tabela 8: Satisfação e formação teológica

	Concordo	Não concordo
Há satisfação em participar das missas e celebrações	76%	6%
A palavra de Deus é bem pregada e utilizada	73%	10%
Os leigos tem boa formação teológica	71%	10%
As missas e celebrações são fáceis de serem compreendidas	69%	10%
As missas e celebrações tratam temas do cotidiano	69%	9%

Fonte: Camargos (2012, p. 42).

Embora a avaliação seja positiva, tanto na satisfação em participar como em relação à pregação dos padres, a pesquisa, ao escutar os “recados à Igreja” – item deixado aberto para expressão pessoal do entrevistado – indicia o desejo de que a “palavra viva seja mais pregada”, assim como a “verdade da Bíblia”. Há indicativo de que o texto bíblico é mais trabalhado nas comunidades.

Os dados da pesquisa, por si sós, anunciam sua riqueza. Muita informação é trazida à tona. Várias análises e perspectivas poderão ser traçadas a partir de vieses diversos. Nossa reflexão, neste momento, será conduzida a partir do olhar teológico-pastoral e, de antemão, é reconhecida como sendo uma dentre várias possibilidades. A pergunta que se nos apresenta é: quais desafios esses dados apresentam para a Igreja Católica na Arquidiocese de Belo Horizonte a partir do olhar teológico-pastoral?

2 Desafios teológico-pastorais

A pesquisa traz dados importantes para a reflexão teológico-pastoral, pois retrata o atual perfil religioso da região metropolitana de Belo Horizonte. Ao nos defrontar com os resultados da pesquisa, logo de início, percebemos a presença real da pluralidade religiosa na Arquidiocese de Belo Horizonte. O catolicismo, mesmo tendo posição hegemônica, compartilha o espaço sagrado com variedade de denominações religiosas³. Pluralismo e mobilidade religiosa despertam nossa atenção, pois não é somente a presença da diversidade, mas, em especial, do trânsito religioso que ocorre entre as diversas denominações. E, ainda, o aumento do grupo denominado “sem religião”, das pessoas que buscam desenvolver sua espiritualidade sem vínculo com a religião. (Tabela 2).

Para o teólogo Claude Geffré (2004, p. 136), “o pluralismo religioso pode, pois, ser considerado como um destino histórico permitido por Deus, cujo significado último nos escapa”. Esse autor compreende o pluralismo religioso como “destino comum da humanidade” e como um “novo paradigma teológico”. Portanto, o pluralismo é uma realidade que se impõe a todas as religiões e exige delas novas posturas, sobretudo, de abertura, de diálogo e de releituras de concepções teológicas. As religiões têm grande contribuição a dar para a construção de um mundo melhor, estimulando a harmonia, a paz e a justiça social.

Particularmente a partir do catolicismo, tanto a reflexão teológica como as ações pastorais terão de ser dialogicamente pensadas. A pastoral é o lugar da criatividade constante. A liderança religiosa precisa dessa clareza, pois à luz dos evangelhos, da tradição da Igreja e de seus documentos deve ser criativa e profundamente revolucionária em sua ação pastoral. O pastor é aquele que cuida e, ao avistar relvas verdes e água fresca, conduz seu rebanho para esse lugar. No mundo contemporâneo, o bom pastor é aquele que dialoga com seus fiéis, escuta seus desejos,

³ A pesquisa constatou a presença de 142 denominações religiosas diferentes entre seus entrevistados.

capta sua busca de espiritualidade e procura responder criativamente a esses desafios. Visão de mundo e criatividade definem a identidade do pastor. Cristo, rei e messias, é o bom pastor que cuida e “dá sua vida pelas suas ovelhas” (Jo 10, 11).

Há vários tipos de atuação pastoral que podemos definir como *ad intra* e *ad extra*. *Ad intra* são ações voltadas para o interior da igreja e mantêm a alegria do dia a dia da vida comunitária. São pastorais como liturgia, acolhida, música, batismo, círculo bíblico, oração, catequese, juventude, crisma, família, apoio, comunicação e assim por diante. *Ad extra* são ações voltadas para fora da igreja e sinalizam seu espírito profético e missionário. São pastorais como operária, da criança, da mulher marginalizada, dos direitos humanos, do menor, dos pescadores, da saúde, dos migrantes, da terra, afro-brasileira, carcerária, da aids, da sobriedade, da pessoa idosa, da mobilidade humana, do povo de rua, dos nômades e assim por diante. A preocupação dos pastores e lideranças pastorais é exercer boa administração para que todas as pastorais de sua comunidade, tanto *ad intra* quanto *ad extra*, tenham a atenção necessária e bom desempenho.

A pesquisa “Valores e religião na região metropolitana de Belo Horizonte” aponta para vários desafios pastorais em todos os campos pesquisados: pluralismo e mobilidade religiosa, moral social e sexual, relação da Igreja Católica com as outras religiões e a satisfação dos seus fiéis. Há exigência de mudança na maneira de pensar a atividade pastoral para responder satisfatoriamente e com sentido a demanda das pessoas no mundo atual. O medo de arriscar em novas práticas pastorais não justifica a permanência de posturas e atitudes antigas. Variadas são as reações ante os resultados da pesquisa. Destacamos algumas: a) desconsiderá-la e dizer que se trata de dados já conhecidos; b) reagir buscando um plano pastoral conveniente para capturar/converter fiéis; c) analisar o que cada comunidade tem de específico e aprimorar; d) viver com espírito novo todas as coisas. Jeito criativo e atual de viver o amor e promover a satisfação e o compromisso ético. Daremos ênfase a esta última atitude, pois compreendemos que o *espírito novo* possibilita abertura suficiente para

ler os dados e ver os desafios como oportunidades para novas construções eclesiais possíveis.

Não se pretende dar respostas a cada realidade pesquisada (pluralismo e mobilidade religiosa, moral social e sexual, relação da Igreja Católica com as outras religiões e a satisfação dos seus fiéis). A Igreja Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte tem sua história envolta com projetos pastorais que visam à participação, à justiça e à evangelização, dentre outras metas. O primeiro deles foi o “Construir a esperança”. Iniciou em 1990 e teve como uma de suas metas o conhecimento da realidade da arquidiocese. Várias pesquisas foram feitas (LIBANIO, 1992). Dele emergiu a I Assembleia do Povo de Deus, em 1996, que ampliava o leque da compreensão e participação eclesial (LIBANIO, 2011). A II Assembleia só ocorreu em 2003 e em sintonia com o primeiro projeto. Inaugura, contudo, um novo momento na história da arquidiocese. Dela nasce um novo projeto pastoral arquidiocesano, denominado “Igreja viva”, tendo seu subtítulo alterado conforme enfoque de cada assembleia posterior. A II Assembleia focou o “Povo de Deus em comunhão” (2005-2008), a III Assembleia deu ênfase à proposta de uma igreja “Sempre em missão” (2009-2012) (ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, 2012). Em outubro de 2012 acontecerá a IV Assembleia e o projeto pastoral passará a se chamar “Igreja viva: povo de Deus em missão”.

Em atenção a esse perfil e em sintonia com os dados da pesquisa, refletiremos sobre a identidade da Igreja Católica na Arquidiocese de Belo Horizonte a partir de seu compromisso ético, foco característico na avaliação dos entrevistados. Quais dados da pesquisa podem ser destacados para repensarmos a identidade eclesial da Arquidiocese de Belo Horizonte?

3 Dados da pesquisa e a identidade da Igreja Católica em Belo Horizonte

A pesquisa demonstra que as pessoas acreditam na Igreja Católica. Dos entrevistados, 72% consideram que é instituição ética, 69% afirmam ser confiável e 58% a definem como uma igreja comprometida, atuante e próxima dos pobres. Sobre sua atuação na vida social, 81% consideram que possui força de mobilização social, 79% afirmam que é compromissada com a paz e com a justiça social, 65% dizem que sai em defesa da dignidade da mulher, dos negros e dos indígenas, 60% apontam que é comprometida com o meio ambiente e 50% concordam que trabalha contra a corrupção. Os dados apontam a edificação de uma igreja com base em princípios éticos e com grande força de mobilização (tabelas 3 e 4). A partir desses dados, focaremos o pensar ações teológico-pastorais que explicitem a identidade católica no contexto atual.

A identidade pode ser percebida, segundo Paul Ricoeur⁴, como *idem* e *ipse*. A identidade *idem* é a que se encontra *fixa* no tempo, é o núcleo que permanece independentemente das mudanças sócio-político-culturais. A identidade *ipse* é a que está *em constante processo de construção*, portanto, nunca estática e acabada, mas sempre aberta a novas possibilidades. Aplicando tal concepção à Igreja Católica, podemos dizer que a Igreja tem dentro de si as duas noções de identidade. Por um lado, ela traz, durante séculos, o núcleo central de sua fé em Jesus Cristo. Por outro lado, a compreensão da fé em Jesus Cristo recebe sempre novas interpretações para se manter atual e com sentido para seus fiéis. As duas noções de identidade, fixa e em construção, são fundamentais para manter a Igreja Católica no tempo e possibilitar sua constante atualização.

Esses dois enfoques de identidade estão explícitos na pesquisa, pois, por um lado, mostra a igreja de Jesus Cristo como sendo ética e comprometida com os pobres. Por outro lado, aponta a necessidade de aprofundar mais esse comprometimento e

⁴ Paul Ricoeur (1991, p. 12-14) apresenta a distinção entre identidade *ipse* e *idem*.

investir naqueles que estão mais excluídos da sociedade (os pobres, os presidiários e os indígenas – tabelas 3 e 4). *Idem* e *ipse* se articulam demarcando a identidade e permitindo sempre novas construções, estimulam a criatividade para que a igreja fique atenta à tradição e, ao mesmo tempo, aberta aos sinais dos tempos.

Os dados da pesquisa demonstram que a Arquidiocese de Belo Horizonte construiu a imagem de igreja ética, comprometida com o seu povo e com seu processo de libertação e é reconhecida como tendo força de mobilização social. Essa chama de identidade eclesial deve ser mantida e ampliada. Poderíamos demarcar a identidade da Arquidiocese de Belo Horizonte como *Igreja Povo de Deus e comprometida com o anúncio e com a construção do Reino de Deus*. “Igreja Povo de Deus” é uma retomada da comunidade cristã nascente que inicia sua construção alimentada pela fé no ressuscitado e, ao mesmo tempo, sustentada pela esperança do Reino de Deus. Está em consonância com o Concílio Vaticano II, que amplia e universaliza esse conceito ao afirmar que “todos os homens são chamados a pertencer ao novo Povo de Deus” (CONCÍLIO VATICANO II, 1987). Todos são chamados, especialmente os batizados, a ser sujeitos de sua construção enquanto peregrina na história. Busca superar o dualismo entre clero e leigos e estimular a unidade na igreja.

“Comprometida com o anúncio e construção do Reino de Deus” diz respeito ao espírito profético de Jesus Cristo que foi assumido pela igreja cristã em toda sua história. A solidariedade que Jesus Cristo teve para com os excluídos de sua época foi assumida como espírito missionário pela igreja nascente e se estendeu por toda a sua vida. Reino de Deus é um lugar em que vida digna e direitos humanos são possíveis para todos. É passar por um processo pessoal e interior de conversão para Deus. A mística cristã inicia por sentir o toque divino por meio da realidade e seu apelo à mudança de vida. Essa conversão se explicita no engajamento em uma comunidade de fé, na solidariedade e nas lutas sociais em defesa da dignidade da vida e dos direitos humanos e no cuidado planetário. Significa sintonia com o Jesus histórico e comprometido com a construção do seu projeto de vida, o Reino de Deus.

Igreja Povo de Deus e comprometida com o anúncio e com a construção do Reino de Deus é a demarcação da identidade de igreja participativa, inclusiva, aberta ao diálogo, plural e engajada no processo de libertação social. É testemunhar o amor que une e sustenta a Trindade e que sempre a realimenta pela solidariedade entre as Pessoas – Pai-Filho-Espírito –, inspiração e referência para a organização e dinâmica da vida eclesial. Enquanto expressão da palavra de Deus no mundo, ela é sempre articulação entre igreja particular e igreja universal, presidida pelo representante de Pedro e bispo de Roma. A igreja universal só existe “nas e a partir das igrejas particulares” (CONCÍLIO VATICANO II, 1987). Daí a importância de fortalecer as igrejas particulares. É nelas e por elas que há igreja. A harmonia e a solidariedade que deve unir e sustentar a relação entre igreja particular e igreja universal é expressão da abertura e da vontade salvífica universal de Deus, que convida todos a estar em permanente estado de diálogo e disponíveis ao serviço da construção do Reino de Deus.

Vislumbrado e protagonizado por Jesus Cristo, o Reino de Deus continua como meta⁵. Enquanto existirem pobres, excluídos e a vida planetária seguir ameaçada significará que os cristãos, fiéis a seu iniciador na fé, não poderão descansar em paz. Há um chamado constante para o convívio e engajamento comunitário em prol da defesa da vida digna e do cuidado planetário. Esse modo de pensar torna a vida comunitária cristã significativa e desafiante. A criação de novas comunidades, animadas pelo espírito de Deus e comprometidas com a construção do Reino, torna-se constante.

Quais comunidades e como cada uma pode ajudar a construir relacionamentos melhores, vida social digna e estar atenta aos problemas do meio ambiente? Esses

⁵ Na teologia latino-americana, mística e método se articulam. A mística reflete o mistério de Deus que sofre no sofrimento dos excluídos e, desde ali, grita por libertação. Essa sensibilização e indignação possibilita o surgimento de um novo método para fazer teologia: parte-se da contemplação da realidade, depois essa mesma realidade é lida à luz das Sagradas Escrituras e da tradição e, por fim, constroem-se estratégias de ação para transformar essa realidade. Leonardo Boff propõe essa articulação entre mística e método em cinco momentos: “(1) um encontro espiritual, vale dizer, uma experiência do Crucificado sofrendo nos crucificados; (2) uma indignação ética pela qual se condena e rejeita tal situação como desumana, que reclama superação; (3) um ver atento que implica uma análise estrutural dos mecanismos produtores de pobreza-opressão; (4) um julgar crítico seja aos olhos da fé, seja aos olhos da sã razão sobre o tipo de sociedade que temos, marcada por tantas injustiças e a urgência de transformá-las; (5) um agir eficaz que faz avançar o processo de libertação a partir dos oprimidos; (6) um celebrar que é um festejar coletivo das vitórias alcançadas” (BOFF, 2011).

desafios se aplicam a todas as comunidades, tanto da zona rural quanto da zona urbana. Não existe comunidade sem momentos afetivos de socialização. O ambiente comunitário é espaço privilegiado para a construção da realização pessoal, para estar satisfeito e, enfim, de ser feliz. Compreendemos que o ser-no-mundo (corpo) e o ser-para-os-outros (psíquico) é ser-para-a-transcendência (espírito)⁶. Enquanto ser-em-si, o humano tem uma unidade estrutural interna, dentro dele mesmo. Porém, quando começa a se relacionar com os outros, com o mundo e com o transcendente, essa unidade começa a ser ameaçada e emergem as dificuldades. Isso mostra que o ser humano, mesmo tendo uma unidade básica, estrutural, não está pronto e acabado para sempre. Ele é dinâmico e, nas relações que estabelece, enquanto torna-se pessoa também se compreende diferente de tudo e de todos. Essa constatação possibilita que faça, constantemente, novas apropriações de si mesmo (*ipse*), ou seja, que se aprofunde na elaboração de sua identidade (*idem*), de quem ele é para si mesmo. Viver é entrar na dinâmica de estar sempre reconstruindo sua identidade existencial (*idem e ipse*).

Os ambientes afetivos de socialização na comunidade e os embates, as lutas sociais e defesas planetárias são momentos reais e oportunos para novas reconstruções. Realizar-se e ser feliz, portanto, dar sentido para a vida é crescer no equilíbrio entre ser-no-mundo, ser-para-os-outros e ser-para-a-transcendência. Ser igreja comprometida com o anúncio e construção do Reino de Deus significa ter clareza de que no interior da comunidade e nos engajamentos sociais – seja na defesa da dignidade e dos direitos humanos, na luta contra a corrupção, no cuidado e na mobilização em defesa do meio ambiente ou no diálogo com tradições religiosas diferentes – o horizonte utópico é o da satisfação e da vida em abundância para todos (Jo 10, 10).

Nessas comunidades, não há espaço para a exclusão. Todos são convidados a participar e a se engajar no processo de equilíbrio pessoal, libertação social e cuidado planetário. Todos são responsáveis pelo bem-estar da comunidade. Clero e leigos

⁶ Para compreender a composição do ser humano enquanto corpo (exteriorização), psíquico (interiorização) e espírito (profundidade) ver Panasiewicz (2011, Cap. 1).

devem pensar coletivamente formas para possibilitar que a comunidade seja “ambiente de socialização” das experiências mais profundas de vida e que todos se envolvam nas conquistas da comunidade. Nas palavras da constituição dogmática *Lumen gentium*, “todos são chamados a concorrer como membros vivos, com todas as forças que receberam da bondade do Criador e por graça do Redentor, para o crescimento da Igreja e sua contínua santificação” ((CONCÍLIO VATICANO II, 1987). Cabe, portanto, aos líderes a responsabilidade de estimular e manter o espírito criativo e participativo de todos os membros. Por isso, devem sempre se fazer presentes em todos os momentos importantes, acompanhando e estimulando a vida comunitária.

Seguindo esse espírito de comprometimento, como pensar a participação na igreja particular?

4 Igreja ministerial: comunhão, participação e missão

Há alguns anos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) constatou que “a organização da Igreja Católica está muito dependente do padre e da paróquia” (CNBB, 2003). Essa centralização colocava em risco a dinâmica de comunhão e participação da vida comunitária. A concepção de Igreja Povo de Deus, proposta pelo Concílio Vaticano II, retira do foco o modelo de igreja centrado na instituição e propõe um modelo eclesial em que a chave seja a vida comunitária e, nesse sentido, todos são chamados a participar. *Igreja ministerial* significa que todos são chamados, em Cristo e pelo Espírito, a ser sujeitos da igreja e a compartilhar a comunhão de vida na comunidade e na missão no mundo. Há um pacto de corresponsabilidade entre o clero e os leigos, e esses “devem exercer preciosa ação para evangelizar o mundo” (CONCÍLIO VATICANO II, 1987). A constituição dogmática *Lumen gentium* – Luz dos povos – sinaliza a importância de uma igreja toda ministerial ao abordar as diferentes funções no serviço da hierarquia (cap. III), dos leigos (cap. IV) e dos religiosos (cap. VI). Na *Christifideles laici* – Os fiéis leigos (1988) –, o papa João Paulo II chama a atenção, nos subtítulos de sua exortação apostólica, para a dignidade, participação,

corresponsabilidade e formação dos leigos ao estar a serviço da ação evangelizadora na igreja. O papa Bento XVI, em mensagem enviada aos participantes do Fórum Internacional da Ação Católica, em Iași, Romênia, afirma que “a Igreja precisa de leigos maduros, que sejam ‘co-responsáveis’ da sua missão universal e não considerados simples ‘colaboradores’ do clero” (BENTO XVI, 2012). Há convite constante de capacitação dos leigos e de corresponsabilidade na construção de uma igreja que seja *Povo de Deus e comprometida com o anúncio e com a construção do Reino de Deus*.

Nessa relação entre clero e leigos, há algumas situações desafiadoras que necessitam de atenção especial. Por um lado, há ausência do padre na dinâmica da comunidade e, por outro lado, há o centramento no padre na organização e nas decisões da comunidade. É fundamental, portanto, que o padre esteja presente na vida da comunidade, animando e estimulando a participação de todos sem causar dependências e tendo postura dialógica. Para além da comunidade, é importante que a liderança eclesial pense na rede de comunidades como espaço de encontro em que todos – pessoas, grupos, movimentos – estejam a serviço da missão evangelizadora e da construção do Reino de Deus, seja pela presença física e pelas redes sociais virtuais. A abertura ao outro, nas diferenças de cada um, enriquece o coletivo. Como afirmava Santo Agostinho, “nas coisas essenciais, a unidade, nas coisas duvidosas, a liberdade, e em tudo, a caridade”. O amor é a marca da alteridade cristã.

A quem atinge essa concepção de igreja? Sugere-se que esse espírito de *Igreja Povo de Deus e comprometida com o anúncio e com a construção do Reino de Deus* permeie todas as comunidades da Arquidiocese de Belo Horizonte de forma que clero e leigos se envolvam e façam cada comunidade dar passos significativos na acolhida, no cuidado recíproco e nas conquistas sócio-político-culturais. A liderança eclesial tem papel especial: ser a animadora e possibilitar a construção de ambientes de socialização, favorecendo o envolvimento de todas as pessoas e a criação de novas comunidades. Cabe à liderança leiga o cuidado com a rotina, ou seja, a administração

da comunidade, coordenar os conselhos pastorais e administrativos. Portanto, a boa capacitação dos leigos e do clero é de fundamental importância para uma igreja comprometida e a serviço da construção do Reino de Deus. A vida de Jesus Cristo, narrada nos evangelhos, é seu baluarte.

Propõe-se, portanto, que o clero seja o difusor da espiritualidade viva, centrada na palavra de Deus, em especial, na vida de Jesus Cristo. Seja o promotor da vida espiritual na comunidade e celebre a Eucaristia de forma a não ser um rito repetitivo e monótono⁷. Sugere-se que incentive a criatividade e o desenvolvimento da mística cristã. Isso levaria a repensar a ministerialidade na Igreja Católica e a descentralizar a liturgia eucarística do sacerdote? Rememorar a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo é missão da comunidade cristã. Novas possibilidades de celebrar a mesa da palavra e a mesa da Eucaristia não significam banalizar o ritual e a fé cristã, mas atualizar significativamente o específico cristão. Como ser criativos e resguardar o sentido teológico dos sacramentos? Despertar a autonomia da comunidade para que descubra seus anseios e potencialidades é tarefa do animador espiritual. Por fim, sugere-se que prepare a liderança leiga para que coordene esses novos momentos da comunidade com alegria. O *jeito novo e criativo* de ser cristão é o fermento da vida comunitária.

Conclusão

A pesquisa “Valores e religião na Região Metropolitana de Belo Horizonte” possibilita várias análises e perspectivas. Foram delineadas algumas. Refletir sobre a eclesiologia da Arquidiocese de Belo Horizonte possibilita demarcar aspectos positivos para que sejam incentivados e mudar aspectos negativos que não favorecem a dinâmica eclesial. Desperta criatividade para que o projeto de vida, narrado nos evangelhos de Jesus Cristo, seja vivido com sentido e sempre atualizado por seus

⁷ Dados da pesquisa qualitativa, que estão por ser tabulados, apresentam falas de entrevistados com afirmações recorrentes à missa como um ritual repetitivo, monótono ou cansativo. O sociólogo Dr. Pedro Ribeiro de Oliveira fez leitura desses dados e os apresenta neste número de *Horizonte*: Oliveira (2012).

seguidores. A fé nele reúne e une a comunidade despertando a criatividade para fazer “novas todas as coisas” (Ap 21, 15).

Igreja Povo de Deus e comprometida com o anúncio e com a construção do Reino de Deus é uma retomada do espírito profético e missionário do iniciador da fé cristã, Jesus Cristo, que fez a seguinte proclamação na montanha e hoje fala para seus seguidores a partir das montanhas de Minas Gerais:

Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o sabor, como tornará a ser sal? Não serve mais para nada; atiram-no fora e é calcado aos pés pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada num alto. Quando se acende uma lâmpada, não é para colocá-la debaixo do alqueire, mas sobre o seu suporte, e ela brilha para todos os que estão na casa. Assim também brilhe a vossa luz aos olhos dos homens, a fim de que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem ao vosso Pai que está nos céus (Mt 5, 13-16).

Sabor e luz! Construir uma vida com sentido e permitir que esse sentido inspire e estimule novas construções de vida, pessoal, social e planetária é a razão de ser da igreja cristã.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. Projeto de evangelização, Igreja viva: sempre em missão. Disponível em: <<http://www.arquidiocesebh.org.br/vicariato/wp-content/uploads/2011/08/Projeto-Igreja-Viva-Sempre-em-Missao.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2012.

BENTO XVI. Igreja precisa de leigos que sejam co-responsáveis da sua missão. 2012. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/bra/print_page.asp?c=615236>. Acesso em: 4 set. 2012.

BÍBLIA. **A Bíblia**: tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1987.

BOFF, L. Quarenta anos da teologia da libertação. 2011. Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>. Acesso em: 16 ago. 2012.

CAMARGOS, M. (Coord.). **Valores e religião na região metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Vertex Pesquisa, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Lumen gentium. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil. (Documentos, CNBB, n. 71). 2003. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/site/component/docman/cat_view/134-documentos-cnbb?start=20>. Acesso em: 5 set. 2012.

GEFFRÉ, C. **Crer e interpretar**: a virada hermenêutica da teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1>. Acesso em: 5 set. 2012.

LIBANIO, J. B. Projeto pastoral construir a esperança. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n. 24, p. 77-94, 1992. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/viewFile/1508/1865>>. Acesso em: 10 set. 2012.

LIBANIO, J. B. II Assembleia do Povo de Deus. 2011. Disponível em: <<http://www.jbllibanio.com.br/modules/wfsection/article.php?articleid=1083>>. Acesso em: 10 set. 2012.

OLIVEIRA, P. A. R. Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230-1254, out./dez. 2012.

PANASIEWICZ, R. As múltiplas dimensões do ser humano. In: BAPTISTA, P. A. N.; SANCHES, W. L. **Teologia e sociedade:** relações, dimensões e valores éticos. São Paulo: Paulinas, 2011.

RICOEUR, P. **O si mesmo como um outro.** Campinas, SP: Papirus, 1991.

TEIXEIRA, F. L. C.; MENESES, R. C. (Org.). **As religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.